



CIDADE VIBRANTE, MEMÓRIAS VIVAS: Gilda, Gênero e Dinâmicas Urbanas

Vibrant Cities, Living Memories:
Gilda, Gender, and Urban Dynamics

RESUMO

Este trabalho analisa as configurações urbanas da Boca Maldita, em Curitiba - PR, em relação a Gilda: uma travesti em situação de rua e carnavalesca, e ao Movimento LGBTQIA+ "Boca da Noite". A pesquisa investiga como as estratégias de urbanismo e a imagem da cidade de Curitiba contribuíram para a desigualdade de gênero nesse contexto, focando no cruzamento da Rua XV de Novembro com a Avenida Luiz Xavier. Utilizando uma abordagem qualitativa exploratória, baseada em pesquisa bibliográfica e documental, os resultados mostram a influência de Gilda na luta por direitos e equidade para a comunidade LGBTQIA+ e nas transformações urbanas. Sua influência inspira performances e instalações artísticas na "Boca Maldita"/"Boca da Noite", promovendo uma sociedade mais inclusiva. Esse estudo destaca a importância da defesa dos direitos humanos, incluindo o direito à cidade, e oferece informações relevantes para a formulação de políticas públicas efetivas em prol da inclusão e da equidade.

Palavras-chave: Gilda, Boca Maldita, Dinâmicas urbanas, Desigualdade de Gênero.

Bloque temático: Tema 3: Dinâmicas urbanas. Tópico: gênero.

ABSTRACT

This study examines the urban configurations of Boca Maldita in Curitiba, Brazil, in relation to Gilda: a transgender person living on the streets and involved in carnival activities, and the LGBTQIA+ movement "Boca da Noite" (Mouth of the Night). The research investigates how urban planning strategies and the city's image have contributed to gender inequality in this context, focusing on the intersection of Rua XV de Novembro and Avenida Luiz Xavier. Using an exploratory qualitative approach based on bibliographic and documentary research, the results demonstrate Gilda's influence in advocating for rights and equity for the LGBTQIA+ community and driving urban transformations. Gilda's influence inspires performances and artistic installations in "Boca Maldita"/"Boca da Noite," promoting a more inclusive society. This study highlights the importance of defending human rights, including the right to the city, and provides valuable insights for the development of effective public policies towards inclusion and equity.

Keywords: Gilda, Boca Maldita, Urban dynamics, Gender inequality

Thematic clusters: Theme 3: Urban Dynamics. Topic: Gender.

Introdução

As dinâmicas urbanas e o gênero são conceitos intrinsecamente entrelaçados que exercem influência sobre a configuração das cidades e a vida dos indivíduos, inclusive no que diz respeito às suas identidades de gênero. A maneira como o espaço urbano é organizado tem impacto significativo nas experiências e oportunidades de diferentes grupos sociais, como mulheres, homens, pessoas transgênero e indivíduos com identidades de gênero não-binárias. A relação entre dinâmicas urbanas e gênero tem sido objeto de estudo e debate, pois as características urbanas podem tanto perpetuar quanto combater tais desigualdades.

O exemplo notável que ressalta a interseção entre dinâmicas urbanas, identidade de gênero e lutas por igualdade é a Boca Maldita em Curitiba. Este local emblemático é amplamente reconhecido por sua significância histórica e por servir como um ponto de encontro para indivíduos de variadas origens e perspectivas. Além disso, desempenha um papel especial na história de Gilda, uma figura icônica e travesti que desafiou normas e estereótipos, emergindo como um símbolo de resistência e representatividade para o Movimento LGBTQIA+. O movimento "Boca da Noite" representa um marco significativo na busca por direitos e visibilidade das pessoas LGBTQIA+ em Curitiba, transformando, assim, a Boca Maldita em um espaço de expressão e empoderamento para essas comunidades.

Diante desse contexto, o principal objetivo deste artigo consiste em analisar as configurações urbanas que envolvem o território da Boca Maldita em Curitiba, levando em consideração sua relação com Gilda e o Movimento LGBTQIA+ "Boca da Noite". A hipótese central sustenta que a determinação de Gilda em ocupar a Boca Maldita deu origem a uma disputa territorial que persiste até os dias atuais. Nesse sentido, a pergunta de pesquisa que orienta este estudo é: de que forma as dinâmicas urbanas, moldadas por meio de estratégias de urbanismo e da criação da imagem da cidade de Curitiba, amplificaram a desigualdade de gênero em questão?

Ao explorar essa questão, busca-se compreender o papel das relações de poder, das construções de gênero e das interações sociais na disputa pelo território da Boca Maldita, assim como as implicações dessa disputa nas identidades, vivências e dinâmicas urbanas mais amplas. Este artigo também abordará a relevância do estudo de gênero nas pesquisas urbanas, enfatizando aspectos metodológicos pertinentes para a análise das dinâmicas urbanas e das desigualdades de gênero. Por meio de uma abordagem qualitativa, que abrange pesquisa bibliográfica e documental, busca-se ampliar a compreensão das interações entre dinâmicas urbanas, gênero e identidade de gênero, contribuindo para a reflexão e o debate acerca das dimensões sociais e espaciais das cidades contemporâneas.

1. Breve gênese do espaço urbano da Boca Maldita

Ao longo dos anos, as metamorfoses na Rua XV de Novembro em Curitiba foram influenciadas por diversos planos de ordenamento urbano implementados pela administração municipal. Desde o projeto de reabilitação e arranjo da Rua das Flores até as intervenções estéticas e renovações efetuadas, as ações governamentais moldaram o espaço e contribuíram para a constituição da Boca Maldita como é conhecida atualmente.

No ano de 1856, o Plano elaborado pelo Engenheiro Pierre Taulois foi concebido com o escopo de organizar o sítio que futuramente se tornaria a Rua das Flores e, posteriormente, a Rua XV de Novembro. Essa empreitada almejava estabelecer as bases para a configuração urbana, determinando o traçado original da via (Garcez, 2006). Em 1905, um Código de Posturas foi instituído, estabelecendo diretrizes construtivas para a Rua XV de Novembro. Tal código regulamentava o emprego de materiais, como a proibição do uso de madeira, e estipulava características arquitetônicas, a exemplo do emprego de calhas e platibandas. Essas medidas contribuíram para o aprimoramento das condições sanitárias urbanas e impulsionaram a verticalização da cidade, possibilitando a manifestação de novas tecnologias, tais como o elevador (Castro e Possi, 2017).

A partir da década de 1930, a Rua XV de Novembro passou por um acelerado processo de densificação populacional e verticalização. Edifícios de relevância histórica e cultural foram demolidos para dar lugar a construções modernas, conferindo à via um caráter preponderantemente comercial. Ademais, várias intervenções estéticas foram efetuadas, transformando a paisagem urbana e realçando a transição do passado colonial para edificações ecléticas (Castro e Possi, 2017).

Em 1972, uma parte da rua foi remodelada e destinada exclusivamente para o uso de pedestres, tornando-se um modelo internacional e proporcionando interações contínuas entre o espaço público e as fachadas ativas. Essa transformação demonstrou a capacidade de adaptação do espaço urbano às demandas contemporâneas: “ao divulgar o projeto, a reação dos comerciantes foi contrária e muito forte. Sabíamos que a ideia era de difícil execução, pois a obra poderia ser interrompida por demandas judiciais. Era imperioso que o trabalho fosse rápido, muito rápido” (Lerner, 2005:104).

Nesse momento, tornava-se evidente o surgimento de uma metrópole em processo de constituição. Curitiba acalentava a ambição de se tornar a "cidade modelo" do Brasil, com seus imponentes arranha-céus, parques luxuriantes e calçadas que, posteriormente, se converteriam em ícones urbanos. Juntamente com um processo de ocultação das áreas periféricas e o afastamento das favelas do estéril centro urbano, conferiam à cidade um atrativo irresistível para muitos indivíduos, especialmente os provenientes do interior do estado (Sierra, 2013).

É imprescindível compreender esse momento específico, uma vez que a cidade se encontrava em plenos anos chumbo, sendo o modelo urbanístico do regime ditatorial. Em virtude de sua concepção, audácia e abordagem tecnocrática, nessa década, Curitiba se apresentava como a cidade experimental do regime militar, erigida por meio de um planejamento não consensual liderado por Jaime Lerner (Arquivo Boca da Noite, 2023).

A partir da década de 1980, a região central de Curitiba passou por uma disseminação da centralidade urbana, com o surgimento de novos núcleos de adensamento. Essa expansão acarretou mudanças na ocupação do espaço, que passou a ser marginalizado pela alta sociedade. Esse processo deu origem ao que atualmente é conhecido como "decadência do centro", em que a porção central passou a ser negligenciada por parte da elite, sendo apropriada por segmentos populares (Villaça, 1998).

Em síntese, o planejamento urbano desempenhou papel essencial na criação e manutenção da Boca Maldita como um local emblemático em Curitiba, uma vez que sempre foi alvo dos planos de ordenamento e da construção do imaginário da cidade. Ao levar em consideração as características históricas, sociais e culturais da região, tais ações contribuíram para a consolidação de um espaço de expressão, encontro e preservação das tradições urbanas da cidade.

2. Estereótipos de gênero e exclusão na Boca Maldita

As dinâmicas de poder desempenham uma função primordial na ocupação e resistência dos diversos grupos envolvidos na disputa pelo território da Boca Maldita. A disparidade na distribuição do poder entre esses grupos pode influenciar quem possui acesso privilegiado ao espaço e quem enfrenta obstáculos para sua participação. Por exemplo, os grupos políticos e ativistas muitas vezes detêm recursos e conexões que lhes conferem maior influência na ocupação da Boca Maldita, permitindo-lhes utilizar o espaço como um palco para suas ideias e demandas. Ao mesmo tempo, outros – como os comerciantes e consumidores – também podem exercer poder econômico, contribuindo para sua presença e influência na região. A compreensão dessas dinâmicas de poder é essencial para apreender como diferentes atores conseguem ou são impedidos de ocupar e reivindicar o espaço.

Nesse contexto, o termo "Boca Maldita" foi estabelecido por uma sociedade composta por um conjunto de indivíduos – com dispositivo sexual masculino – que se reuniam na atualmente conhecida Avenida Luiz Xavier,

no centro de Curitiba. Esses homens congregavam-se com o objetivo de dialogar e trocar ideias sobre o progresso da cidade e a conjuntura política nacional. Em 13 de dezembro de 1956, a agremiação optou por realizar um banquete de confraternização no Grande Hotel Moderno (encerrado em 1975) e, a partir desse momento, formalizou-se como uma entidade civil registrada como "Sociedade Civil de Direito Privado". Anualmente, na mesma data, o evento era celebrado com a participação de todos os autodenominados "Cavalheiros da Boca Maldita" (Mendes, 2020).

Durante uma entrevista realizada em 1994, o ex-presidente da confraria, Anfrísio Siqueira, resumiu os eventos, explicando que a decisão de nomear a confraria ocorreu quando Adherbal Fortes de Sá observou que as mulheres evitavam passar pela localização, devido à presença de muitos homens que as incomodavam. Adherbal sugeriu que eles fossem chamados de "malditos", devido à ausência de mulheres naquela área. Essa denominação logo se popularizou, e a região ficou conhecida como Boca Maldita. Anfrísio acrescentou que, tradicionalmente, a confraria convidava políticos, profissionais liberais, empresários e pessoas destacadas para receberem o título, mas não permitia a entrada de mulheres (Mendes, 2020).



Fig. 02 Boca Maldita: Reduto machista e tribuna livre desde 13 de dezembro de 1957. Elege "Cavalheiros a legião do não ouço, não falo e não vejo". Fonte: Plural, 2022.

A placa colocada no espaço público durante a década de 1950 em Curitiba carrega consigo um discurso machista, sexista e excludente. Ao rotular o local como um "Reduto Machista" e eleger apenas os "cavalheiros" como parte da "legião" que pode participar, são reforçados estereótipos de gênero e perpetuada a exclusão de outras vozes e identidades. Além disso, a referência à frase "Não ouço, não falo, não vejo" sugere uma postura de indiferença e negação em relação a questões de gênero e desigualdades, fortalecendo a cultura machista. A análise crítica da placa – assim como das declarações do então presidente da confraria – incita à reflexão sobre as relações de poder, as construções sociais e as dinâmicas de gênero presentes no território.

3. A trajetória de Gilda e resistência ao discurso dominante da cidade modelo

Conforme registros históricos, aproximadamente uma década antes de seu falecimento, por volta de 1973, Gilda chegou a Curitiba, atraída pela propaganda da "cidade modelo" sob regime militar ditatorial. A partir desse momento, perambulou pela famosa Rua XV de Novembro, disseminando beijos e galanteios àqueles que transitavam, muitas vezes solicitando uma pequena contribuição para adquirir cachaça. Sua presença constituía uma resposta corajosa às recusas e repulsas que enfrentava, manifestando-se por meio de beijos que revelavam sua verdadeira essência. Era conhecida por sua alegria contagiante, sua paixão pela dança e por sua participação nas festividades populares, como o carnaval (Sierra, 2013).

Contudo, durante as noites, Gilda não possuía onde repousar, higienizar-se ou alimentar-se. Após o abrigo onde encontrava refúgio ser deslocado do centro da cidade, passou a dormir sob uma marquise, exposta às intempéries. Sem posses, documentos e dependente da benevolência de algumas amigas, vivia uma existência despojada, fazendo o que lhe aprazia e amando quem lhe apetecesse, desafiando as convenções sociais (Sierra, 2013).

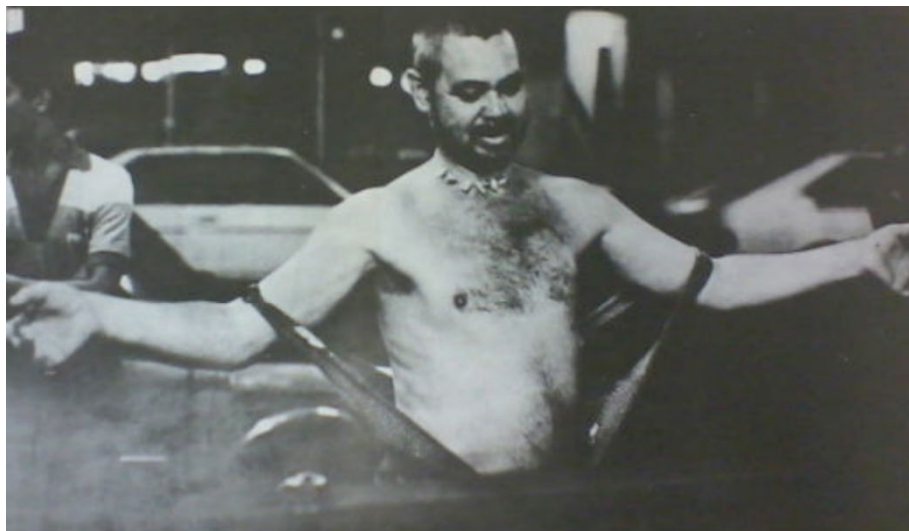


Fig. 03 Gilda. Fonte: Sierra, 2013.

Como mencionado anteriormente, a Boca Maldita constituía um ponto de encontro popular à época, onde artistas, intelectuais e jornalistas debatiam sobre arte e política. Entretanto, Gilda não era bem-recebida ali, devido ao seu comportamento provocativo e sua vida extravagante. O presidente da Boca Maldita, Anfrísio Siqueira, optou por bani-la do espaço urbano, alegando que sua presença não coadunava com o propósito institucional do local (Sierra, 2013).

Em meio a uma verdadeira campanha para expulsá-la, Anfrísio desferiu-lhe um golpe em sua boca enquanto ela tentava adentrar o carro da Banda Polaca durante o dia de carnaval. Além de ser publicamente agredida, foi detida pela Delegacia de Costumes, sendo impedida não apenas de participar da Banda Polaca, mas também de todo o carnaval daquele ano. Ao tomar conhecimento de sua prisão, a população clamou por sua libertação, resultando em uma onda de protestos que varreu toda a cidade. As autoridades, temendo a agitação popular, transferiram-na para a Colônia Psiquiátrica Adauto Botelho, alegando que ela necessitava de cuidados médicos (Sierra, 2013).

Os protestos em seu favor prosseguiram, envolvendo blocos carnavalescos e organizações de defesa dos direitos humanos. Após um período de tratamento médico-psiquiátrico, foi libertada. Contudo, algum tempo depois, seu corpo foi encontrado sem vida em um casarão abandonado na rua Desembargador Motta. Os médicos responsáveis pela necropsia apontaram broncopneumonia, cirrose hepática e meningite purulenta como as causas do óbito. Seus restos mortais foram encaminhados ao necrotério da cidade, porém, devido à ausência de documentos que comprovassem sua identidade, foi necessário aguardar o recebimento de uma certidão de nascimento, enviada de Ibiaporã, sua cidade natal, para que pudesse ser sepultada (Sierra, 2013).

Apesar das adversidades enfrentadas e do tratamento hostil vivenciado ao longo de sua vida, Gilda recebeu diversas homenagens póstumas de seus admiradores. Sua memória foi celebrada por meio de obras literárias, exposições fotográficas, sambas-enredo e outras expressões artísticas que reconheciam sua coragem em desafiar as normas sociais e viver de acordo com seus próprios desejos. Na semana de seu falecimento, um

grupo de pessoas organizou o movimento "Boca da Noite", coletando assinaturas e doações para a instalação de uma placa de bronze em sua honra (Sierra, 2013).

No entanto, é válido mencionar que houve discordância entre os habitantes de Curitiba acerca da colocação da placa, a qual trazia a inscrição "Gilda, você deixou saudades, do povo de Curitiba". Anfrísio Siqueira, presidente da Boca Maldita, figurou entre os opositores desse gesto, argumentando que a placa não estava alinhada com o propósito da Boca Maldita e que Gilda não merecia tal reconhecimento. A figura excêntrica e audaciosa de Gilda perdura até os dias atuais, deixando um legado que desafia convenções e inspira a liberdade de ser autêntico (Sierra, 2013).



Fig. 04 Homenagem em memória de Gilda. Fonte: Sierra, 2013.

Gilda, conforme Foucault, é uma sujeita assujeitada pela lei. Gilda, segundo Freud, é uma sujeita assujeitada pelo inconsciente. Gilda, na perspectiva de Butler, é uma sujeita assujeitada pelo gênero. Gilda, para Santos, é uma sujeita assujeitada às dinâmicas territoriais. A existência desse corpo que contrariou as normas demonstra a resistência que vai além da moldagem imposta pelos discursos normativos. Desse modo, embora o poder a tenha constituído, ela resistiu a ele próprio¹. Através de sua vida e morte, instaurou-se uma disputa pelo espaço, permeada pelas relações de gênero.

4. Da guetificação a Boca da Noite: a transformação do espaço físico e simbólico da Boca Maldita

A fenomenologia da guetificação tem sido historicamente associada à segregação socioespacial e à opressão de grupos marginalizados. Entretanto, é imprescindível salientar que, em contextos específicos, observam-se recontextualizações desse fenômeno, as quais o convertem em uma forma de resistência e afirmação

¹ Em relação a Foucault, destacam-se "Microfísica do poder", que aborda a relação entre poder e subjetividade, e "Vigiar e punir: nascimento da prisão", que explora a sujeição por meio das leis e normas sociais. Freud contribui para a compreensão do papel do inconsciente na formação da subjetividade de Gilda, sendo sua obra "Além do princípio do prazer" relevante nesse contexto. No que diz respeito a Butler, seus trabalhos fornecem uma perspectiva fundamental para compreender a sujeição de Gilda em relação ao gênero. Em "Problemas de gênero", analisa a construção social do gênero e a forma como ele é imposto e internalizado pela sociedade. A autora desafia as concepções tradicionais e normativas do gênero, explorando como a identidade de gênero é moldada pelas normas culturais e como isso afeta a subjetividade das pessoas. Também contribui para a reflexão sobre o poder e a sujeição em sua obra "A vida psíquica do poder: teorias da sujeição". Nesse livro, examina as dinâmicas de poder e as maneiras pelas quais os indivíduos são subjugados e moldados por estruturas de poder. Através de sua abordagem crítica, questiona as relações de poder estabelecidas enfatizando a resistência como forma de desafiar e subverter essas normas opressivas. Santos, em sua obra "A natureza do espaço", explora as dinâmicas territoriais e seu impacto na subjetividade das pessoas. Através dessas abordagens teóricas, é possível compreender a resistência de Gilda ao poder que a subjugava e como as relações de gênero permeiam a disputa pelo espaço em que ela está inserida.

identitária. A apropriação da Boca Maldita pela comunidade LGBTQ+ e sua subsequente renomeação como Boca da Noite constituem exemplos de tais recontextualizações (Macrae, 1990).

Essa transformação desafia a guetificação tradicionalmente relacionada à marginalização, estabelecendo um ambiente inclusivo, celebrativo e afirmativo de identidades. A renomeação e ocupação desse espaço pela comunidade LGBTQ+ revalidam sua presença, luta e contribuição para a opulência cultural e simbólica da urbe. Tal ocupação representa uma forma de resistência e reconfiguração dos ambientes urbanos, fomentando maior visibilidade e valorização das vivências e expressões dessa comunidade.

Após o óbito de Gilda e a emergência do movimento Boca da Noite, houve progressos simultâneos nos estudos brasileiros acerca de raça e gênero. Tais estudos decoloniais revelaram que a colonização, através de seus sistemas de poder e conhecimento, erigiu-se hegemônica, colonizando e subalternizado não somente grupos raciais, mas também todas as experiências e corpos que não se adequassem à normatividade estabelecida (Quijano, 2005; Perra, 2015; Quinalha, 2017)

Entretanto, com o florescimento do movimento Boca da Noite, um considerável deslocamento desse paradigma ocorreu. Os indivíduos que anteriormente eram objeto de estudo e subalternização passaram a ser produtores do conhecimento. Os sujeitos outrora objetificados agora figuram como protagonistas na produção do conhecimento a respeito de suas próprias vivências sociais e realidades.

Essa irrupção pós-morte de Gilda engendra uma recontextualização do espaço urbano e uma nova forma de resistência. O movimento Boca da Noite não apenas celebra a diversidade e a pluralidade de identidades de gênero e sexualidade, mas também contesta as estruturas coloniais de poder e conhecimento. Ele visa descentralizar a produção de saberes, atribuindo voz e espaço àqueles que anteriormente foram silenciados e subalternizados.

Um exemplo concreto desse processo de resistência e reconfiguração é o projeto Gilda, notavelmente conhecido como cabaré Gilda. Esse projeto foi executado pela CIASenhas de Teatro e teve sua primeira edição em novembro de 2010, inserindo-se na corrente cultural de Curitiba e na virada cultural da cidade. O objetivo primordial consistiu em reunir artistas de múltiplas linguagens a fim de conceber ações inspiradas na figura, história e identidade de Gilda. Essa iniciativa tornou-se uma expressão artística urbana e coletiva de relevo, fomentando o diálogo criativo e a celebração da diversidade (Arquivo Boca da Noite, 2023).

Em fevereiro de 2015, ocorreu a segunda edição do projeto Gilda, intitulada Gilda convida Maria Bueno. Nesta edição, artistas provenientes de diferentes linguagens reuniram-se em um diálogo criativo evocando duas figuras simbólicas e populares do imaginário curitibano: a travesti Gilda e a Santa Maria Bueno. A celebração poética explorou a interseção entre o sagrado e o profano, estimulando reflexões acerca de identidade, gênero e sexualidade. Não obstante as adversidades e os entraves burocráticos, assim como a falta de apoio por parte do poder público, o projeto seguiu seu curso, realizando ações artísticas urbanas e coletivas que ocuparam a rua São Francisco. Esse espaço converteu-se em um território singular de arte e convivência artística, impulsionando a cena cultural da cidade e fortalecendo as conexões entre os artistas e a comunidade (Arquivo Boca da Noite, 2023).

Além desses projetos específicos, houve também a proposição de instalar uma placa de bronze na Boca Maldita em Curitiba com a frase "Gilda, você deixou saudades". Essa proposição visou confrontar a narrativa histórica construída pela cidade, a qual, frequentemente, excluiu a existência e as contribuições de grupos marginalizados. A instalação da placa e a cerimônia de inauguração/performance constituíram uma forma de documentar institucionalmente uma narrativa alternativa da cidade, devolvendo a Gilda a homenagem que lhe foi atribuída pelo povo (Museu de Arte Contemporânea do Paraná, 2023).



Fig. 05 Intervenção urbana: *Gilda, você deixou saudades*. Fonte: Museu de Arte Contemporânea do Paraná, 2023.

No entanto, a Prefeitura de Curitiba sancionou uma multa em decorrência da instalação da placa de bronze, alegando ser uma forma de publicidade irregular. Essa ação da prefeitura levanta questões acerca da confusão entre arte e propaganda, além de sugerir a possibilidade de transfobia nesse contexto (Plural, 2023). O caso da multa imposta pela Prefeitura de Curitiba em relação à instalação da placa de bronze em homenagem a Gilda na Boca Maldita suscita uma reflexão sobre os vestígios do soberano no âmbito da governamentalidade. Tanto a obra de Judith Butler quanto os estudos de Michel Foucault abordam a maneira pela qual o poder opera e se manifesta nas sociedades contemporâneas.

Conforme vislumbrado, Butler argumenta que o poder não se limita à sua forma coercitiva, mas também se vale de mecanismos disciplinares que moldam e regulam corpos e identidades (Butler, 2019). Nesse contexto, a ação da Prefeitura ao multar a instalação da placa pode ser interpretada como uma tentativa de exercer controle sobre a narrativa e a memória da cidade, buscando impor uma visão hegemônica e negar a existência e a contribuição de grupos marginalizados, como a comunidade LGBTQ+.

Foucault, por sua vez, aborda a governamentalidade, ou seja, o modo como o poder se organiza e se exerce na sociedade. Ele argumenta que o poder não se limita às mãos do soberano, mas se difunde por diversas instituições e práticas sociais (Foucault, 1984). No que concerne à multa imposta pela Prefeitura, podemos identificar traços do soberano em termos de uma autoridade que busca impor suas regras e normas, restringindo e controlando a expressão artística e a memória da cidade.

Esses vestígios do soberano se revelam na ação da Prefeitura ao negar a legitimidade da placa de bronze como forma de homenagem à travesti Gilda, restringindo o espaço público e impondo sua própria visão de como a cidade deve ser representada e lembrada. Tal fato evidencia a persistência de formas de poder que tentam silenciar e subalternizar determinados grupos e suas histórias, perpetuando uma lógica de exclusão e negação de identidades que não se enquadram nas normas hegemônicas.

Todavia, é válido salientar que a resistência e a ressignificação dos espaços por parte da comunidade LGBTQ+ e dos artistas podem ser entendidas como formas de confrontar esses vestígios do soberano e de reivindicar a produção de conhecimento acerca de suas próprias experiências. Ao ocuparem a rua São Francisco e promoverem ações artísticas coletivas, afirmam suas identidades e contribuem para a transformação da cidade, criando narrativas e reconfigurando os espaços públicos.

5. Discussão e Considerações Finais

A análise das dinâmicas urbanas no contexto da desigualdade de gênero desvela as múltiplas manifestações de opressão e marginalização que impactam indivíduos com identidades de gênero não-binárias. A segregação socioespacial e a carência de espaços inclusivos e acolhedores contribuem para a perpetuação das disparidades e limitações na expressão de gênero. A compreensão dessas ramificações é crucial para o desenvolvimento de políticas e intervenções que promovam a equidade e a valorização das identidades não-binárias no âmbito urbano.

O estudo das dinâmicas urbanas e do gênero contribui para uma compreensão mais abrangente e aprofundada das experiências e vivências dos cidadãos no espaço urbano. A análise das interações entre a urbe e as identidades de gênero revela a complexidade e os desafios enfrentados pelas mulheres, comunidades LGBTQ+ e não-binárias. Ao considerarmos as dimensões sociais, culturais e políticas dessas dinâmicas, podemos identificar oportunidades de transformação e intervenção que fomentem a inclusão, a igualdade e a diversidade nas cidades.

A salvaguarda dos direitos humanos, incluindo o direito à cidade, é imprescindível para assegurar a equidade de oportunidades e o pleno exercício da cidadania para todas os sujeitos, independentemente de sua identidade de gênero. É necessário que as políticas públicas sejam implementadas de modo eficaz, levando em consideração as necessidades e demandas das mulheres, comunidades LGBTQ+ e não-binárias. O acesso a espaços seguros, inclusivos e acolhedores é essencial para promover a igualdade de gênero e o respeito à diversidade nas urbes.

A figura emblemática de Gilda e seu legado inspirador devem ser recordados e celebrados como exemplos de resistência e luta pelos direitos e reconhecimento das pessoas LGBTQ+. Gilda personifica a coragem e a determinação de desafiar as normas e enfrentar a opressão, tornando-se um símbolo de empoderamento para a comunidade. Sua trajetória e contribuições nos recordam da importância de valorizar e amplificar as vozes e experiências dos habitantes marginalizados, criando espaços de inclusão e respeito em nossas cidades.

Ademais, com base no que foi mencionado, urge refletir sobre políticas de inclusão e acessibilidade nos espaços urbanos, garantindo a presença de sanitários públicos e espaços neutros, bem como a disponibilidade de serviços de saúde e apoio psicossocial adequados às pessoas com identidades de gênero não-binárias. Há ainda a relevância de promover a representatividade e visibilidade desses indivíduos nos espaços públicos e na mídia. A representação positiva e inclusiva é essencial para combater estereótipos e preconceitos, além de contribuir para a construção de sociedades mais igualitárias e respeitosas.

Por fim, além das discussões anteriormente apresentadas, existem outras investigações que podem ser empreendidas a partir deste estudo, aprofundando o entendimento das dinâmicas urbanas e das identidades de gênero. Algumas possibilidades incluem examinar os impactos das políticas públicas voltadas para a inclusão de pessoas não-binárias no espaço urbano, analisar as experiências de outras cidades e contextos culturais em relação à desigualdade de gênero e à diversidade de identidades de gênero, explorar a interseccionalidade entre gênero, raça e classe social nas dinâmicas urbanas, e investigar como a arte e a cultura podem ser utilizadas como instrumentos de transformação social e empoderamento das comunidades marginalizadas. Tais empreendimentos podem contribuir para a construção de um arcabouço teórico mais abrangente e informar políticas públicas mais eficazes na promoção da igualdade de gênero e na edificação de cidades mais inclusivas e acolhedoras para todas as identidades de gênero.

6. Bibliografia

6.1 Obras completas:

BUTLER, J. P. (2017). A vida psíquica do poder: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

BUTLER, J. P. (2018). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BUTLER, J. P. (2019). Vida precária: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica.

CASTRO, E. A; POSSE, Z. C. S. (2017). Morar nas alturas: a verticalização de Curitiba entre 1930 e 1960. Curitiba: Editora das Autoras.

FOUCAULT, M. (1984). Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FOUCAULT, M. (1987). Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes.

FOUCAULT, M. (1988). História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 18, pp. 7-65). Rio de Janeiro: Imago.

GARCEZ, L. A. (2006). Curitiba – evolução urbana. Curitiba: Imprensa Universitária da UFPR.

LERNER, J. (2005). Acupuntura urbana. Rio de Janeiro: Record.

MACRAE, E. (1990). A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura". Campinas/SP: Editora Campinas: Unicamp.

QUINALHA, R. H. (2017). Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). São Paulo.

SANTOS, M. (1996). A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp.

VILLAÇA, F. (1998). Espaço Intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute.

6.2 Revistas

PERRA, H. (2015). Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. Revista Periódicus, 1(2), 291–298. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i2.12896>

QUIJANO, A. (2005a). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, p. 107-30.

6.3 Teses:

SIERRA, J. C. (2013). Marcos da vida viável, marcas da vida vivível: o governmento da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político-educacional LGBT. Tese (Doutorado em Educação). Curitiba, UFPR, 228f.

6.4 Fontes eletrônicas:

Arquivo Boca da Noite - Parte 1. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/GgWBPF-gOMWGGQ?hl=pt-BR>. Acesso em: 28 maio. 2023.

Arquivo Boca da Noite - Parte 2. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/AgURsKRof3aqxA?hl=pt-BR>. Acesso em: 28 maio. 2023.

Categoria 3 | Guilherme Jaccon. Disponível em: <https://www.mac.pr.gov.br/Pagina/Categoria-3-Guilherme-Jaccon>. Acesso em: 28 maio. 2023.

MENDES, A. Boca Maldita: A confraria machista da década de 50. Disponível em: <https://prediosdecuritiba.com.br/boca-maldita-a-confraria-machista-da-decada-de-50/>. Acesso em: 28 maio. 2023.

Prefeitura multa placa em homenagem a Gilda na Boca Maldita. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/colunas/caixa-zero/prefeitura-multa-placa-em-homenagem-a-gilda-na-boca-maldita-como-se-fosse-propaganda/>. Acesso em: 28 maio. 2023.

Gilda da Boca Maldita finalmente ganhou placa de bronze do seu fã clube. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/colunas/arte-em-movimento/gilda-curitiba/>. Acesso em: 28 maio. 2023.